

**ANTÓNIO MARTINS** CORPORATE TAX EVASION AND GOVERNMENT PERSUASION: A COMMENT ON A FISCAL MEASURE

**ELIAS SOUKIAZIS** THE CUMULATIVE GROWTH MODEL AS AN ALTERNATIVE APPROACH TO THE CONVERGENCE PROCESS: SOME THEORETICAL AND EMPIRICAL CONSIDERATIONS

**PAULO TRIGO PEREIRA / JOÃO ANDRADE E SILVA** SUBVENÇÕES PARA OS MUNICÍPIOS: UM NOVO MODELO DE EQUILÍBRIO FINANCEIRO

**ÓSCAR DOMINGOS LOURENÇO / PEDRO LOPES FERREIRA** OS CUSTOS DO ENSINO MÉDICO NO HOSPITAL: UM PRIMEIRO OLHAR QUANTITATIVO

**HERMANO RODRIGUES / MÁRIO RUI SILVA** INOVAÇÃO E *CATCHING UP* NO SECTOR BANCÁRIO EM PORTUGAL

**JOSÉ VEIGA TORRES** A HISTÓRIA COMO HERMENÊUTICA DA IDENTIDADE HUMANA

REVISTA DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



## Círculo FEUC

Última lição do Prof. Doutor José Veiga Torres, proferida a 31 de Maio de 2000, no âmbito da disciplina de História das Civilizações, da licenciatura de Organização e Gestão de Empresas da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

### A História como hermenêutica da identidade humana

#### José Veiga Torres

Esta é uma situação verdadeiramente embaraçosa, pela sua singularidade (marca um fim e um começo de vida) e pela carga emocional que a ela traz a presença amiga de tão ilustres ouvintes, que tiveram a generosidade de honrar-me assim nesta minha última lição.

Ter-me-ia sido menos embaraçoso dar esta última aula, como habitualmente, na proximidade e espontaneidade do contacto dos habituais, inevitáveis e condescendentes alunos.

Acedi ao pedido dos colegas em iniciar na nossa Faculdade a tradição da "última lição", por três razões: 1) Seria imperdoável não corresponder à vontade de colegas e amigos a quem devo tantos anos de convívio fraterno e de tão frutuosa cooperação; 2) Seria também imperdoável não ter para com a Faculdade este gesto, que de algum modo exprime uma certa (ainda que não definitiva) despedida, depois de 25 anos de serviço dedicado e responsável, que criam laços de profundos compromissos morais; 3) Com algum humor, como terceira razão para aceder a este ritual, agarrei esta oportunidade de, uma vez na vida, ser o primeiro em alguma coisa.

Esta situação é singular, porque é um fim, e como fim é de algum modo triste. Considero-o, porém, um verdadeiro começo, um começo de vida, e por isso estimulante. Recordo a introdução de um belo livro de um conhecido físico, Freeman Dyson, com o título "De Eros a Gaia, por uma Ciência à escala humana", em que o autor nos conta como sua mãe lhe teria dito que a vida começara para ela aos 40 anos, altura em que lhe nascera o primeiro filho, e como para ele, de igual modo, a vida lhe começara aos 55 anos, com a publicação do seu primeiro livro. Apetece-me dizer, de modo semelhante, que a vida me começa, agora, com a liberdade da jubilação. A minha vida já teve vários começos. Considero-os todos felizes. Considero este também um começo feliz, pela indispensável liberdade que me concede de fazer avançar projectos em andamento. Assim a consiga rentabilizar.



Afastado um primeiro embaraço desta singular situação, confronto-me com um segundo embaraço maior: que vou eu dizer de válido a tão ilustres e sábios ouvintes?

Aqui sou levado a aliviar o meu embaraço com um dito do célebre semiólogo Roland Barthes. É, certamente, uma excessiva presunção, mas é-me útil, aqui, servir-me dele. Na sua primeira lição no Collège de France, dizia Barthes: "Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem depois outra idade em que se ensina o que se não sabe, o que se chama investigar. Chega talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, a de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousei tomar aqui sem complexos, na própria encruzilhada da sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível"

Consintam-me, portanto, que neste momento tão singular, me exponha com tão poucos saberes. Permitam-me a sabedoria de delirar. Direi mais adiante como a racionalidade humana é verdadeiramente um *delirio*. Com base na etimologia da palavra: ultrapassar o sulco da charrua, ultrapassar os limites.

Tentarei delirar sobre três tópicos, que dizem respeito não só às matérias do meu ofício, e mais concretamente às da cadeira a que pertence esta última lição – História das Civilizações - mas que são do âmbito de todos os ofícios que se ensinam nesta casa. Perdoem-me se os três tópicos lhes não pareçam estimulantes, nem pertinentes. A mim parecem-me. São os seguintes:

- A História como hermenêutica da identidade humana.
- A História como hermenêutica da Contingência e do Mistério.
- A História como hermenêutica do Projecto que é o Processo de Hominização.

Aparentemente a tarefa historiográfica e o ensino da História parecem fáceis e pouco relevantes. Na verdade são difíceis. Não é difícil indagar documentos e distribuí-los estrategicamente, criando redes de correlações para construção de "factos" que darão verosimilhança e

credibilidade ao discurso histórico. Só que a História é muito mais que isso. Ela é profundamente existencial. É uma tarefa contra a "*razão indolente*", contra o "*desperdício da experiência*".

(Sirvo-me, como devem dar-se conta, de expressões da última obra do Professor Boaventura de Sousa Santos, um monumento de saberes e de sabedoria, como homenagem particular a quem me contratou para servir esta Faculdade e com quem tive a honra de lutar, em anos difíceis, pela sua consolidação institucional).

Os tempos que correm não são favoráveis à História. São mais favoráveis às histórias, às diversidades, à diversão. (O mercado bem o demonstra). É difícil compreender e fazer compreender que as histórias só existem e só têm verdadeiro sentido na historicidade que as une, numa narrativa comum, como processo de auto-identificação de um fenómeno processual em permanente decurso na flecha do tempo.

Uma generalizada cultura, que se diz "pós-moderna", recusa como inviável ou até como perversa, uma narrativa humana universal, como se o processo da existência da nossa espécie e do seu agir no universo, em suas múltiplas facetas, não fosse, efectivamente, um processo contínuo, como uma efectiva cadeia de descontínuos, com sentido de contínuo, o processo da "hominização" que nos abrange, que não sendo pré-determinado, nem transparente, tem como um dos seus elementos estruturantes, quiçá o mais profundamente estruturante, a contínua busca do sentido da sua historicidade.

Vejo nesta recusa uma dupla "razão indolente":

– A resistência à reflexão de que o que somos como-lo enquanto historiadores. A formação da nossa consciência, da nossa identidade, da nossa auto-imagem, é uma construção narrativa, desfeita e refeita, momento a momento, hora a hora, dia a dia, em permanente alteração identitária, ante os múltiplos acontecimentos internos e externos, de nossa opção, de opção alheia, ou simplesmente aleatórios. Somos a narrativa que nos fazemos, através do que fazemos e do que nos dizemos, no plano meramente individual e no plano colectivo.

– A segunda "razão indolente", a meu ver, é a resistência à reflexão de que o processo de acção/narração é um processo colectivo, de imensas dimensões, de interacção, não só com as coisas e pessoas próximas contem-



porâneas, mas com o universo inteiro evolutivo e expansivo, de que somos uma muito pequena herança. Somos uma milenar herança de criatividade, sobre cuja dimensão resistimos a medir-nos, cujo conhecimento só narrativamente é possível e que é incontornável para obter, com um mínimo de objectividade, a dimensão do que somos e sobretudo do que nos convém pretender ser.

A expressão "universo", hoje, parece não dizer respeito aos humanos. É o resto... A expressão "universal" é, hoje, normalmente repelida, como se fosse portadora de uma homogeneização dominadora e destrutora das singularidades e da diversidade. Ignora-se o latim e a sabedoria que nos transmitia. O "*versus unum*" exprime, justamente, a dinâmica criativa da pluralidade em direcção à imprescindível e real unidade originária, de onde lhe advém o sentido.

O processo histórico, isto é o processo da hominização, na lógica da expansividade do universo e dos seres vivos, é de crescente complexificação, portanto criador de crescente pluralidade, heterogeneidade e singularidades, mas que só podem existir e ter sentido na unidade singular do próprio processo. Certamente, o sentido da sua universalidade não será óbvio, poderá ser até, intencionalmente ou não, sujeito à amnésia, está, portanto, dependente da responsável e permanente busca. A narrativa dessa busca é a sua identificação – nas ciências, nas filosofias, nas artes – isto é, a História.

Passemos ao segundo tópico: a História como hermenêutica da contingência e do Mistério.

Este tópico exigiria, normalmente, um extensíssimo volume. Ouso tentar algo do seu essencial.

O processo de hominização em curso, que é o nosso hoje histórico, teve um começo, é uma milenar cadeia de começos, ou, por outras palavras, é contingente, é uma cadeia ininterrupta de contingências de contingentes. Como cadeia de contingências é um contínuo, cadeia de descontinuidades, em conformidade com a etimologia do contínuo "*cum + tenere*", que exprime bem a consciência de se tratar de um processo de temporalidade, uma cadeia de temporalidades. A expressão "*contingência*" é de origem filosófica e aristotélica e nasce da experiência da descontinuidade temporal, da finitude.

Esta observação é fundamental para salientar

que no processo de hominização que é a História não cabe a *não-contingência*. Tudo o que se pretenda identificar em horizontes e em termos de *eternidade*, *infinitude* ou de *absoluto* não pode pretender fiabilidade. Só terá cabimento como expressão da histórica e permanente atitude humana de recusa e de vontade de superação da sua irrecusável contingência.

A experiência deste desconforto permanente ante a radical contingência humana origina, também permanentemente, uma dinâmica de busca criativa para a superar. A celebração da morte, a inovação tecnológica, a incessante criação de teorias, de filosofias, de ciências, de religiões, e outras múltiplas formas de compreensão, explicação e de transformação da "oikumenê", resultam dessa dinâmica, que é recusa e tentativa de superação dos constrangimentos advindos da experiência estruturante da realidade contingente e precária do confronto humano com as coisas e do convívio societal. O resultado é a criatividade sapiencial.

A narrativa que identifica esta dinâmica, com a qual a espécie humana se auto-identifica, é a História. Nesta dinâmica, que é a permanente procura de desvendar o mistério das coisas e o nosso próprio mistério, há um aspecto de particular pertinência, que exige atenção: é que ela é "*delirante*".

Boaventura de Sousa Santos começa o seu último livro com uma frase do filósofo grego Epicarmo: "*os mortais deviam ter pensamentos mortais, não imortais*". Quando Epicarmo o diz e Sousa Santos o segue, mostram no reverso e contexto da proposição a constatação de que a experiência humana é a da busca da perenidade, da imortalidade. Com efeito, o processo de hominização, na pretensão de superar a sua contingência, tem como fundamental característica dar-se pensamentos imortais, que correspondem, aliás, à mais óbvia lei da vida, que é a obrigação de viver. (Estudos estatísticos recentes manifestam um crescendo de crença na imortalidade, particularmente entre as novas gerações, independentemente de factores religiosos. Cf. "Archives de Sciences Sociales des Religions", nº 109, janvier-mars, 2000, pag. 20, note 26).

Não se confunda imortalidade com eternidade. Esta não cabe na contingência, aquela sim.

Será isto um delírio, mas toda a História é, efectivamente, a narrativa do delírio humano.



O grande físico Ilya Prigogine foi bastante claro, quando se referiu ao "quase delírio" da racionalidade científica. Eu não terei o pudor de lhe chamar "quase delírio", mas verdadeiro delírio, inevitável e irrecusável, porque subjaz à racionalidade, à reflexão e à investigação, a ideia de que as coisas são transparentes e de que é possível alcançar o domínio das coisas, dominando a sua inteira realidade. Não é possível. As coisas são-nos opacas e nós somo-nos opacos. Mas não desesperamos de desvendar a riqueza contida nessa opacidade das coisas e de nós mesmos, segundo a historicidade delas e nossas. O nosso delírio permite-nos, todavia, abrir espaços de luz na opacidade. A narrativa deste delírio de busca incessante da transparência é a História, como busca de processos criativos de emancipação dos constrangimentos que a opacidade nos levanta. Aí se situa o espaço de liberdade, de opção e de responsabilidade nas múltiplas possibilidades e oportunidades que o nosso delírio é capaz de nos oferecer. E assim podemos entrar no terceiro tópico: a História como Projecto.

A narrativa que é a História só aparentemente tem a ver com o que chamamos o "passado". O passado não tem existência ontológica. Teve-a, quando foi "presente". A História pertence ao presente, ao nosso presente, às inquietações e aos interesses do presente, que visa o "futuro". É o futuro que subjaz, ainda que inconsciente, na produção do discurso histórico.

O processo de hominização, enquanto processo de auto-identificação e de auto-gênese das nossas opções, necessita de um discurso em que se reveja, na sua própria historicidade lançada para o futuro, isto é como projecto.

Seria, então, o lugar de retermos uma das faces mais misteriosas e mais tenebrosas do processo de hominização, a face das nossas perversidades. A perversão emerge da nossa contingência, como excessiva apropriação e monopolização da dinâmica superadora dos constrangimentos. Chamemos-lhe violência, ódio, dominação, despotismo, dogmatismo, etc., modalidades do excessivo delírio que reduz ou aniquila o espaço misterioso do processo humano. A História é também a narrativa desta face tenebrosa, mas como ela funciona, no processo global, como constrangimento redutor e aniquilador do processo, como sofrimento, apela para a construção criativa da face luminosa, virtuosa, de todo o processo.

Os temas da História como Projecto, como narrativa de solução dos constrangimentos e das perversidades, tornam incontornável uma referência sumária à História das Religiões, que representam modalidades de fundamental criação do sentido global da vida, de superação do constrangimento mais duro de entender e mais difícil de assumir, o constrangimento mais paradoxal da vida (por muitos considerado absurdo), a morte.

Estes tempos de pós-modernidade concebem maior espaço de relevância à pluralidade das religiões, simultaneamente relativizando-as, pondo-as em questão, sobretudo enquanto formas monopolizadoras de determinação do sentido da vida humana.

Por razões que mais directamente nos dizem respeito, como europeus, ocidentais e modernos, pela relação directa que o "Cristianismo" ganhou com a chamada "civilização ocidental" e sua hegemonia mundial, o Cristianismo, nas suas formas históricas institucionalizadas, de estrutura imperial, estatal, dogmática e repressiva, sob a dominação de um corpo clerical, que monopolizou a hermenêutica do seu próprio processo histórico, vem sendo também questionado como fonte significativa do processo humano.

Parece-me que, ao cumprirem-se dois milénios de Cristianismo, o seu questionamento permite-nos abrir espaço de mais profunda e mais fiel compreensão da incontornável personalidade histórica que foi Jesus de Nazaré, um artesão que não escreveu uma só palavra, mas pelo que disse e fez provocou a maior revolução cultural pacífica do processo humano, a revolução da fraternidade.

O questionar das religiões, o questionar do Cristianismo, parece abrir nas sociedades uma profunda *laicização* benéfica, de que deverá emergir – diria ressuscitar – o sentido comunitário e fraternal (laico era Jesus de Nazaré – laico, vem de "laos", o povo, o verdadeiro criador da democracia) que o processo humano anseia e que, assim o julgamos, tem na personalidade histórica de Jesus de Nazaré a mais clara expressão, que devemos, laicalmente, desvendar.

Parece-me que não poderia terminar a minha última lição com outra personalidade histórica que melhor pudesse inspirar sentido à nossa própria história, neste delírio de lhe descortinar sentido.